

Mulheres Idosas em Narrativas de Autoria Feminina no Acre

Mujeres Ancianas en Narrativas de Autoría Femenina en Acre
Elderly Women in Female-authored Narratives in Acre –
Northwestern Brazil

Margarete Edul Prado de Souza Lopes

Resumo: neste artigo, o objetivo foi descrever e analisar personagens idosas retratadas em *Conversa Afiada*, de Robélia Fernandes de Souza, publicado em Rio Branco, em 1996. A autora conduz o leitor a refletir que a sociedade vive e se organiza através de encontros e desencontros entre as gerações, das experiências e dos conflitos dentro dos diferentes grupos aos quais pertence cada indivíduo. Foram selecionados contos mostrando as relações entre mãe e filha, sogra e nora, avó e neta, mulheres de gerações diferentes. As narrativas escolhidas, para serem lidas e analisadas neste estudo, foram: “A mensagem”, “A promessa” e “A carta anônima”.

Palavras-chave: mulheres, geração, gênero, literatura, autoria.

Resumen: este artículo describe y analiza los personajes ancianos retratados en *Conversa Afiada*, de Robélia Fernandes de Souza, publicado en Río Blanco, en 1996. La autora conduce el lector a reflexionar que la sociedad vive y se organiza a través de encuentros y desencuentros entre las generaciones, además de las experiencias y de los conflictos dentro de los diferentes grupos a los que pertenece cada individuo. Se seleccionaron cuentos que mostraban las relaciones entre madre e hija, suegra y nuera, abuela y nieta, mujeres de generaciones diferentes. Las narrativas elegidas, para lectura y análisis en este estudio, fueron las siguientes: “A mensagem”, “A promessa” e “A carta anônima”.

Palabras claves: mujeres, generación, género, literatura, autoría.

Abstract: the aim of this paper was to describe and analyze elderly female characters portrayed in *Sharp Conversations*, by Robélia Fernandes de Souza, published in Rio Branco, the Capital City of Acre, in Northwestern Brazil, in 1996. The author guides her readers to reflect over the fact that society lives and organizes itself through agreements and disagreements across generations and through the experiences and conflicts within the different groups each person belongs to. Analyses of three short stories – *The Message*, *The Promise*, and *The Anonymous Letter* – whose concerns are the relationships established between women of different generations – mother/daughter, mother-in-law/daughter-in-law, and grandmother/granddaughter – comprise the present study.

Keywords: women, generation, gender, literature, authorship.

Margarete Edul Prado de Souza Lopes é Doutora em Letras, Professora da Universidade Federal do Acre e Coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero na Amazônia-NEGA.

E-mail: negaufac@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

*Mais do que a morte, é a velhice que se
deve opor à vida. Desta, a velhice é a paródia.
(...) É todo o sistema que está em jogo e a
reivindicação só pode ser radical: mudar a vida
(SIMONE DE BEAUVOIR, 1990).*

No grupo de escritoras de ficção que surgiu no Acre, na década de noventa, destaca-se a produção de Robélia Fernandes de Souza. A figura da mulher idosa, da avó solitária, aparece com frequência nos contos acreanos da autora. São narrativas que descrevem o ambiente familiar como espaço fortemente hierárquico e patriarcal, nas quais a mulher mais velha – a avó, sogra ou mãe idosa – sempre ocupa o lugar de prestígio e cardeal em relação às outras vozes da família, quando a figura do homem está ausente. Significa que a mulher descrita nos contos é, geralmente, uma mulher viúva. Segundo Alda Britto da Motta, viuvez é uma questão especificamente de gênero, um fato feminino porque somente no caso das mulheres a viuvez é predominante, as mulheres vivem sete anos mais que os homens, segundo as estatísticas, significando, primordialmente, a quebra da aliança social fundamental: o casamento. A mulher sozinha sempre simbolizou, historicamente, a origem de um “perigo”. Sem o marido, o protetor, provedor, chefe, elas se tornam um peso social, um contrassenso (MOTTA, 2002 a).

Neste artigo, descrevemos e analisamos personagens idosas retratadas no livro *Conversa Afiada*, de Robélia Fernandes, publicado em Rio Branco, em 1996. Foram selecionados contos mostrando as relações entre mãe e filha, sogra e nora, avó e neta, mulheres de gerações diferentes. As narrativas escolhidas foram: “A mensagem”, “A promessa” e “A carta anônima”. Nas três histórias, foi possível observar que as mulheres apresentadas estabelecem mais relações de rivalidade do que de amizade. A rivalidade permanece mesmo na idade avançada, quando com a perda da beleza, do viço, as mulheres se tornam ainda mais competitivas,

autoritárias e ciumentas. A autora conduz o leitor a refletir que a sociedade vive e se organiza através de encontros e desencontros entre as gerações, das experiências e dos conflitos dentro dos diferentes grupos aos quais pertence cada indivíduo. Após breve biografia da autora e algumas considerações sobre a velhice, foi feito um resumo para posterior análise de cada história, levando em conta as relações de gênero.

Alda Britto da Motta alertou para o fato de que as pioneiras do segundo movimento feminista envelheceram sem se ocupar das questões sobre a velhice. A não ser pelo vanguardismo de Simone de Beauvoir e pelos livros mais recentes de Betty Friedan, não há relatos de experiências, nem depoimentos pessoais, estudos gerais ou discussões específicas. Alda Motta afirma que não se trata somente de reconhecer os preconceitos contra certas categorias sociais, mas o importante é estudar e denunciar situações concretas. Propor mudanças da condição de vida de determinados segmentos sociais (MOTA, 1998).

Mara Rúbia Sant'Anna segue a mesma linha de pensamento ao afirmar que velhice e relações de gênero são coisas antigas, mas novas para o pensar da academia. A autora ressalta ainda a importância de articular a questão da velhice à categoria de análise de gênero. A suposição de uma linearidade e de uma unicidade espaço-temporal na questão do idoso levou à negação das relações de gênero entre estes, pois, de forma equivocada, julgam que todas as diferenças decorrentes do sexo já foram anuladas; como se o fato de não mais serem férteis pudesse torná-los assexuados (SANT'ANNA, 1996).

De acordo com Motta, a condição de gênero tem sido absolutamente definidora da vida dos idosos, por serem as mulheres que mais alcançam a condição de velhice. A maioria dos idosos se constitui de mulheres em fins de século XX, uma vez que a esperança de vida para elas tende a ser maior que a dos homens. A mulher, antigamente, levava uma vida comedida e controlada, sem excessos e farras, sem tantos acidentes e violências de gangues ou com turmas de rua, que os homens viveram. Em suma, a mulher idosa, nos fins do século XX, teve uma vida mais regrada

conforme as expectativas sociais que foram construídas para ela; esposa, mãe, dona de casa. Em pleno século XXI, a mulher se tornou mais livre para circular e se expressar como indivíduo. No Brasil, pelo menos 60% da população de idosos é de mulheres. Assim, “ser velho é, em boa parte, ser mulher” (MOTTA, 1998).

Robélia Fernandes nasceu em Manaus, em 20 de fevereiro de 1938, mas foi criada e educada em Rio Branco. Sua mãe era professora de conceituada escola de Rio Branco, porém casou-se e mudou para Manaus. O casamento naufragou em pouco mais de um ano, por problemas de traição do marido, obrigando a jovem professora a voltar para o Acre sem emprego e sem perspectivas. Aqui sofreu toda sorte de preconceitos, pois na década de cinquenta não se aceitava uma mulher desquitada, e a mãe de Robélia Fernandes teve que trabalhar como costureira, ofício que aprendeu com a mãe dela, porque nas escolas não se admitia uma mulher desquitada ensinando as crianças. A profissão de costureira era de menor status e também não proporcionava o mesmo rendimento financeiro, sendo impossível comprar uma casa e Robélia e sua mãe moravam com a avó, mãe da mãe dela, que era enfermeira no Hospital da Maternidade e uma senhora muito austera, muito autoritária, presa aos valores do patriarcado e muito católica.

Robélia Fernandes graduou-se em Letras, pela Universidade Federal do Acre, em 1975, e durante o período de 1976 a 1992 realizou vários cursos de especialização em Língua Portuguesa, Leitura, Supervisão Escolar e Relações Humanas. Paralelamente às atividades docentes, Robélia Fernandes sempre gostou de escrever e se dedicar a atividades literárias, produzindo contos e poemas. Como ela teve muita convivência com mulheres mais velhas e sem par, ou seja, solteiras, viúvas ou separadas, partilhou e vivenciou da amargura daquelas que não tiveram um parceiro permanente em suas vidas. Robélia mesmo, agora com mais de 70 anos, tem mais de 50 anos de casada e vários filhos e netos.

Estreou na literatura nos anos 80, com poemas publicados em antologias¹ locais e nacionais. Mais tarde publicou dois livros, em Rio Branco: *Asa de vida – poemas* (1992) e *Conversa Afiada – de contos* (1996). O último é constituído de 14 narrativas curtas, escritas muito tempo antes de sua publicação, retratando principalmente a situação de vida de mulheres sozinhas: viúvas, solteiras ou descasadas e como administram a solidude. As outras obras de Robélia Fernandes são: *Boquinha da Noite – Folclore Infantil* (2003); *ConVerso Novamente - poemas* (2004), *Verdes Anos* (2007) e *Contos Esparsos* (2009).

“A mensagem” descreve a visita de uma neta a sua avó, no dia em que a velha senhora está completando oitenta e sete anos de idade. A neta traz, de presente, um vestido novo para a avó, mas a mesma já não sente muita necessidade de ter roupas novas: “Você tendo este trabalho comigo, do que adianta? Não saio de casa, velha doente... Meu dia está chegando. Oitenta e sete anos não é brincadeira. Aqui, abandonada, só espero chegar este dia” (SOUZA, 1996, p.56).

A velhice é mostrada em seu lado negativo, a velha solitária, com raras visitas de filhos e netos, o sentimento de abandono e inutilidade. A velhice é vista no conto conforme Simone de Beauvoir: “Enquanto ele (o homem) envelhece de maneira contínua, a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; (...) cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca de metade de sua vida adulta” (BEAUVOIR, 1980).

A avó é descrita sem vaidades, seus vestidos envelhecem no armário porque as ombreiras pesam, os sapatos novos machucam os pés. Com a velhice, a pessoa vai encolhendo, os vestidos não cabem mais. A velha senhora manda reformar seus vestidos com bolsos para os óculos, remédios, o terço, ou seja, a vaidade é substituída pela praticidade e conforto exigidos pela idade:

¹ Algumas dessas antologias foram: MODESTO, Mauro (Org.). *Antologia dos poetas acreanos*. Rio Branco: Fundação de desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Desporto, 1986; VERAS, João (Org.). *Fala(do) poema: poesias acreanas*. Rio Branco: Governo do Estado do Acre, 2001. 1 CDROOM.

No guarda-roupa, vestidos pendurados, endurecidos pela falta de uso, as ombreiras embranquecidas pelo pó.

– Porque a senhora não usa esses vestidos, vovó? Alguns estão ótimos. [...] Aqui tem roupas boas, sapatos de couro [...] que os sapatos machucam os joanetes, as alparcatas são mais confortáveis. Os vestidos fazem calor, as ampuhetas (ombreiras) pesam, sufocam. Além disso, quem repara numa velha? Sair para onde? Nem a novena ia mais. Ir com quem?

A neta procura naqueles vestidos antigos as histórias de vida, tecidas nas rendas, nos detalhes das golas, presas pelos botões. Alguns deles viajaram no tempo e agora estavam ali como peças de museu lembrando um passado feliz. Outros, mais recentes, mais modestos, foram perdendo as fitas, as flores, as cores, os decotes e ganharam as mangas, as golas e os bolsos tão úteis para os óculos, terço, remédios, chaves que agora faziam parte do seu dia-a-dia (SOUZA, 1996, p.57).

Assim, o conto descreve o cotidiano e os sentimentos da mulher octogenária. Ela se sente inútil, descartada, não tem mais incentivo ou companhia para sair de casa. Alda Motta observa que na velhice, a maior mortalidade dos homens, além do fato dos idosos viúvos preferirem casar-se novamente com mulheres jovens, acarreta que as mulheres idosas sejam, na maioria, mulheres sós (MOTTA, 1998). Quando elas ficam viúvas, dificilmente se casam novamente.

As mulheres da narrativa são apenas mulheres, não há nomes, somente as expressões “a neta”, “a avó” para definir as personagens. A neta, durante a visita, tenta sempre animar a velha senhora, que sendo dia de seu aniversário, pela primeira vez não fez um bolo e não comprou guaraná: “Agora não tenho mais animação para nada. Aqui não vem ninguém. Vivo só, minha filha” (SOUZA, 1996, p.56). A neta convida a avó para enrolar uma lata com o papel do presente: “Trabalham as duas por alguns minutos. A alegria da avó renascendo. A alegria de participar – segure esta ponta, o laço – a alegria de ser útil” (SOUZA, 1996, p.58). Depois, a neta liga um gravador, pede para a avó dizer algumas palavras, que possam ficar gravadas para a posteridade:

“Hoje estou completando oitenta e sete anos, estou feliz por completar essa idade. Agradeço a Deus por todos os benefícios que me concedeu.

Sinto não ter tido ânimo para preparar coisa alguma, nem mesmo um bolo para quem veio me parabenizar, lembrou-se de mim. Aqui, sozinha, quase não recebo visitas. Tantos filhos... tantos netos...” (SOUZA, 1996, p.55).

Estas palavras da velha senhora são as palavras de abertura do conto. Elas servem de apresentação da personagem aos leitores. Na velhice, a avó se encontra desprezada e esquecida pelos parentes próximos. Por que filhos e netos estariam tão ausentes? Nas palavras de Simone de Beauvoir: “A velhice inspira mais repugnância que a morte” (BEAUVOIR, 1990, p.660). A velhice é vista como sinônimo de decadência, decrepitude:

A casa inteira respira oitenta e sete anos. Móveis antigos, pesados, alguns apoiados com pedaços de madeira, pernas quebradas, como se solidários com a dona. O espelho da penteadeira, encaronchado, cego e inútil encarcerado da moldura de lírios, entalhados no mogno escuro. Do mármore do aparador, faltando um pedaço(SOUZA, 1996, p.56).

A descrição da casa com a mobília envelhecida, metáfora do tempo que desgasta igualmente os objetos e os seres vivos. A expressão “como se solidários com a dona”, remete às debilidades do corpo na velhice: “A doença, a imobilidade, tomou muito soro, engordou” (SOUZA, 1996, p.55). A velhice é vista como um período vazio e sem perspectivas, tempo de sucessivas perdas: da autonomia, da saúde, de vestuário e hábitos modificados para se adaptar a esta última fase da vida. Mudança de casa, filhos controlando tudo:

O quarto é pequeno para tanta saudade. O casarão avarandado com janelas de bandeiras foi sacrificado para a construção daquela casa, pequena – que exige menos trabalho para cuidar – até o quintal encolheu. Onde estão o bananal, as laranjeiras, os pés de carambola, o poço com bomba, os perus? O terreno foi vendido aos poucos, repartido em lotes – que a senhora precisa ter vizinhos, quintal grande só dá despesa – os filhos agora decidiam tudo (SOUZA, 1996, p.57).

É comum os filhos quererem interferir, controlar a vida – atividades, saídas, uso do dinheiro, vida sexual-afetiva – dos pais idosos (MOTTA,

1998). Entretanto, a velha senhora apesar de ter sido uma grande dona de casa, suas atividades não ficaram restritas ao ambiente doméstico. Ela foi uma mulher que trabalhou pelo seu sustento, foi enfermeira: *“uniforme branco deslizando pelos corredores do hospital, ainda ali, no gavetão, a touca amarelada, bamba e amassada, mas tendo ainda na testa a cruz vermelha, a mesma do retrato e do diploma emoldurados na parede”* (SOUZA, 1996, p.57). No entanto, quando alcança a velhice, torna-se um fardo para os seus familiares. Para ela, restam apenas a saudade e as lembranças de um tempo feliz de trabalho: *“a memória friorenta se embrulhava no passado buscando abrigo”* (SOUZA, 1996, p. 58).

A narrativa se encerra com a neta, muito tempo mais tarde, ouvindo, em sua velhice, as mesmas palavras, gravadas com uma voz arranhada e trêmula: “A avó calada há tantos anos. A mensagem antiga, hoje mais do que nunca decifrada. Solidão de ontem na solidão de hoje” (SOUZA, 1996, p.58). A vida vazia e solitária da avó aposentada repetida na velhice atual da neta, como se fosse um destino prescrito e inexorável para as mulheres que vivem demais.

Alda Motta observa, no entanto, em relação a este aspecto de extrema solidão na velhice feminina, que há uma nova feição absolutamente atual e única das mulheres idosas neste inícios do século XXI:

Expressarem otimismo, alegria, dinamismo e forte afirmação (ou sentimento) de liberdade. Cumprido o ciclo básico da vida familiar, aqueles controles tornados desnecessários – porque internalizados ou superados – a vida na velhice pode agora tornar-se mais leve, mais livre, nesta sociedade pós-revolução feminista, em rápida mudança de valores e de costumes (MOTTA, 1998, p.142 –143).

A autora se refere ao fato de que a maioria das idosas atuais não alcançou vida profissional ativa e, ao mesmo tempo, teve vida social muito mais limitada do que os homens da sua geração, conduzindo-as a um sentimento de maior satisfação e plenitude na velhice. Elas encontram na vida de idosas um tempo de consolidação de experiências, de libertação

das obrigações e controles reprodutivos, um tempo social propício à mudança, “como se uma liberdade de gênero se sobrepusesse à condição (menos favorável) geracional ou de classe (MOTTA, 2002b).

Em “A promessa”, temos a história de uma criança sufocada em cumprir as vontades de sua avó. A velha senhora ainda detém todos os poderes e autoridade sobre a família. Assim, a menina é obrigada a vestir luto fechado por um ano, para cumprir a promessa de uma tia falecida há cinco anos, merecedora de uma graça, mas que morrera sem cumprir o prometido. Assim é descrito o absurdo da garota cumprir uma promessa alheia:

Luto fechado, vestido preto, mangas compridas, contraste doentio com os cabelos longos escorridos, a palidez do rosto, a meninice magra. Tudo tingido na tina: vestidos, camisaõ, a saia de barquinhas na barra de que tanto gostava [...] Luto por uma graça desconhecida. Promessa pesada nos ombros frágeis. Luto, luto. Luto na alma também? Sem brincadeiras, sem cantorias, sem passeios, sem fita no cabelo, sem brinco na orelha. Aí a alminha arco-íris começou a ficar cinza, escura. Aí a tristeza enlutou a alegria. Vida borbulhando lá fora (SOUZA, 1996, p.28).

No trecho, podemos observar que a menina foi mais que silenciada, foi impedida de viver. Todas as atividades da vida normal são cortadas de sua existência. Ela fica à mercê do total autoritarismo da avó e termina encontrando a morte, como saída da terrível prisão. A menina vai definhando, pouco a pouco, até falecer:

Foi quando veio aquela febre – tão sem propósito – Vovó quero água. Quero água. Vovó, falta muito pra terminar o luto? Vovó, no Natal posso brincar no cordão da pastorinha? Posso dar meu nome? Quero dançar no cordão vermelho. Basta um vestido de cetim vermelho. E o Natal a encontrou vestidinha de cetim azul (SOUZA, 1996, p. 29).

A menina dirige os pedidos para sua avó, numa clara indicação da autoridade da velha sobre os outros membros da família, mas tudo indica que não foram atendidos, uma vez que o relato mostra que o

Natal a encontrou com um vestido azul de cetim. Qual a razão do azul e não vermelho? A prosopopeia, personificando o Natal, data solene no calendário cristão, como também a cor azul, são os índices para o leitor subtender que houve a morte da personagem infantil. O luto foi intenso, penetrando no estado de espírito da criança, conduzindo-a para a morte. As cores são referências frequentes nesse conto de Robélia Fernandes e sugestivas do estado de espírito da personagem: “a alminha arco-íris começou a ficar cinza, escura”, “olhos vermelhos”, “vestido preto”, “cetim vermelho” e “cetim azul”. A estagnação da morte impregnando-se no íntimo da menina é descrita com metáforas que mostram imagens da imobilidade, da prisão e da fixidez em que se transformou a sua vida infantil:

“Sem brincadeiras, sem cantorias, sem passeios, sem fita no cabelo, sem brinco da orelha. Aí a alminha arco-íris começou a ficar cinza, escura. Aí a tristeza enlutou a alegria. Vida borbulhando lá fora. Santa Terezinha no céu, entre rosas e anjos. A tia no céu? E aqui essas folhas paradas na água do tanque sem poderem deslizar na enxurrada, esse navio no quadro da parede sem poder viajar, essa garça pousada na página do livro sem poder voar” (SOUZA, 1996, p.28).

Colocar a menina de luto foi desejo exclusivo da avó. A velha vivia das saudades da filha morta: “*Diçiam que era uma moça muito boa, religiosa. Ainda vagava pela casa, depois de cinco anos de sua morte, aquela sombra de tristeza. O carinho com que a avó guardava aquelas lembranças: um livro de missa, um véu de renda, um vestido*” (SOUZA, 1996, p.28). A carência afetiva da velha depositada na filha ausente para sempre. Ela acreditava que se a promessa não fosse cumprida, a filha não encontraria a paz eterna. Na velhice, buscam-se ou criam-se as mais variadas razões para preencher o vazio, as saudades, a falta de perspectivas na vida.

Outros adultos reagiram diante dos fatos: a professora da menina argumentou que luto era coisa da Idade Média, a mãe opinava pedindo para aliviar o luto; o padre afirmando que Deus não gosta de sacrifícios, mas sim de caridade. Nenhum dos protestos teve eco. E a menina? “Não

foi consultada. Pra quê? Criança tem querer? Um ano de luto. Criança está mais perto de Deus.” (SOUZA, 1996, p.27). Na ausência do patriarca, a voz da matriarca se impôs soberana.

Com exceção da figura do padre, não há personagens masculinos. Em geral, nos contos de Robélia Fernandes são retratadas mulheres viúvas ou separadas. As narrativas giram em torno de famílias compostas por mulheres: avós, mães, sogras, noras, filhas e netas. Raramente aparecem as figuras do pai, irmão, marido ou mesmo padrinho. Na carência de homens enquanto chefes da família nuclear burguesa, a mulher ocupa a posição de líder, revestida de maior força e autoridade com o avanço da idade, como se verifica na figura da avó inconteste.

No conto “A carta anônima”, narra-se a história de Dona Alzira, uma senhora de idade entredada pela doença, que vive aos cuidados da nora, Dinorá, ambas viúvas. A narrativa se desenvolve através de pequenos flash backs, cujo conteúdo são as lembranças da senhora idosa dos tempos em que o filho estava vivo, de suas peripécias de homem que amava bebidas e mulheres, de homem que sempre trazia problemas para dentro de casa. Como Alzira não podia mais se ocupar com as tarefas da casa, preenchia as horas do dia sentada na varanda, pensando no passado. Com a força das lembranças, tenta suportar sua moléstia. A imobilidade da doença e da idade lhe obriga a trocar as ações pelas preocupações.

O conto se inicia apresentando os cuidados da nora: “ – A senhora está bem acomodada Dona Alzira? Fofa o travesseiro, coloca-o no encosto da cadeira de balanço, ajuda a velha senhora a recostar-se” (SOUZA, 1996, p.47). A narrativa é construída alternando momentos das ações da nora cuidando da sogra, com as lembranças da velha senhora repassando toda a sua vida.

Ao lembrar-se do filho já falecido, Telêmaco, retornam os sofrimentos, uma vez que ela não concebe um filho morrer antes da mãe. Para ela, quando isso acontece, a lei da vida está terrivelmente invertida. O filho de Alzira era um homem violento e conquistador. Suas recordações recaem justamente na má índole do filho. Ele era casado com Raimunda,

descrita como sendo uma morena bonita, de cabelos compridos, ciumenta, desconfiada e insegura, que por qualquer motivo se apressava a correr para a sogra, “para aconselhar-se, desabafar, enredar” (SOUZA, 1996, p.48). Na última vez, foi em razão de Telê estar envolvido por uma mulher casada. Alzira tentava aconselhar a nora para que tivesse paciência e “ao filho recriminava enérgica, que tomasse juízo, acabasse com esse chamego com mulher casada” (SOUZA, 1996, p.48).

A mulher passou a odiar a amante do filho e de alguma forma desejou puni-la, até mesmo incentivou os moleques da rua a provocarem a “malfeitora”: “Piranha, ladrona de marido das outras. Gritava a meninada no barranco, atiçada por Dona Alzira...” (SOUZA, 1996, p.48). Além disso, Alzira decidiu enviar uma carta anônima para o marido enganado:

“Senhor Ananias,

Essa missiva é para lhe abrir os olhos. Preste mais atenção no que sua mulher faz. Todo mundo já sabe que ela está arrastando asa por um homem casado. Quem avisa, amigo é, por causa de um grito, se perde uma boiada” (SOUZA, 1996, P. 50).

Depois da carta, as memórias de Alzira eram confusas. Não lembrava muito dos detalhes, somente do filho chegando todo alvoroçado, trazendo consigo Dinorá, a adúltera, visto que o marido havia descoberto tudo e a expulsou de casa, sem direito aos filhos, aos bens, a nada. Telê acusa a mãe de ter enviado a tal carta anônima, enquanto Raimunda, diante dos fatos, decide ir embora para a cidade grande. Dinorá, a amante, por sua vez, assume a casa da “sogra” e os três cachorros, vendendo salgados para ajudar no sustento. Com a passagem dos anos, na convivência com Dinorá, a velha vai aos poucos modificando o conceito que tinha da “nora”. Perdida em suas memórias, olha para Dinorá como se fosse a primeira vez que a visse e reflete: “Admirava-lhe a preocupação sincera com a sua saúde. Admirava-lhe a bondade. Também anos ao lado de Telê, aturando-lhe a bebida, a infidelidade, amando-o, respeitando-o e

devagarinho, vencendo a resistência da família, devagarinho se fazendo amar e respeitar” (SOUZA, 1996, p. 50).

Ao final da narrativa, Alzira, percebendo a proximidade da morte, pede a Dinorá que lhe segure a mão, “quis lhe pedir perdão, quis lhe dizer tanta coisa. Disse apenas obrigada” (SOUZA, 1996, p. 51). No conto aparecem três mulheres: Alzira, a sogra; Raimunda, a esposa traída; além da própria Dinorá, a outra, que se redime cuidando do amante e da “sogra” até o fim. Narrativa moralista que mostra a “outra” sendo aceita porque se regenerou diante dos olhos da família. Essa regeneração foi construída paulatinamente, com Dinorá cumprindo o papel de esposa fiel, indiferente às traições e aos vícios do companheiro e ainda desempenhando o papel de “nora” dedicada. Mesmo não sendo nora ou esposa oficial, mesmo tendo passado o restante da vida amasiada com Telêmaco, perante a sociedade seus erros ficaram justificados por ter adotado um comportamento de acordo com o código, depois de rejeitada pelo primeiro marido.

No momento atual da narrativa, vivem as duas juntas, sogra e nora, ambas na condição de viúvas. Quanto a esta situação, Alda Britto da Motta assinala que os homens morrem mais cedo que as mulheres, em razão disso existe um número maior de viúvas, descasadas e solteiras idosas do que homens nessas mesmas condições. Este quadro de solidão é confirmado nas pesquisas:

Os homens morrem mais cedo e, quando separados ou viúvos, recasam preferencialmente com mulheres de gerações mais novas, não-idosas [...] Com isto, resta sempre uma significativa parcela de mulheres solteiras e, principalmente, descasadas e viúvas, que terminam por assumir aquele posto tradicionalmente masculino, mas crescentemente feminino, de chefes de família. E/ou vivem, simplesmente, a solidão afetiva – ou, pelo menos, a condição de sós. [...] Porque enquanto a chefia masculina de domicílios figura, comumente, a existência de uma partilha de responsabilidades econômicas e/ou sociais (e domésticas) com outro adulto – a esposa – a chefia da família por uma mulher expressa, majoritariamente, a referida solidão geracional e afetiva – isto é, que o homem já não está lá (MOTTA, 1998, p.140-141).

Portanto, vimos que as personagens idosas das narrativas lidas se encaixam na figura da viúva, da chefe de família, vivendo a solidude geracional e afetiva: a avó que faz aniversário e se encontra cada dia mais sozinha, mesmo recebendo a visita da neta; a “sogra” que termina os seus dias aos cuidados da “nora”; e, por fim, a avó que ainda está na liderança da família, impondo seus desejos aos demais familiares, ainda que vivendo das saudades da filha falecida. Mulheres de poder, matriarcas, mas também denunciando um lado frágil no momento de lidar com a dor e a solidude, cada qual com suas crenças, atitudes, nos desmandos das relações familiares, querendo proteger suas afeições e a posição de matriarca. Último lampejo de autonomia e domínio na fase final da vida, quando ainda têm e podem exigir algum respeito dos familiares.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Volume 2.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MOTTA, Alda B. PVC – Bicho-papão para as feministas?, in: PASSOS, Elizete, ALVES, Ivya & MACEDO, Márcia (Org). *Metamorfoses: gênero na perspectiva interdisciplinar*. Salvador: NEIM/ UFBA, 1998, p.137 a 145.

MOTTA, Alda B. Viúvas alegres: uma nova/velha geração, in: COSTA, Ana Alice Alcântara & SARDENBERG, Cecília. *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador: NEIM/ UFBA, 2002a, p. 263-273.

MOTTA, Alda B. Gênero e Geração: de articulação fundante a ‘mistura indigesta’, in: FERREIRA, Sílvia Lucia & NASCIMENTO, Enilda Rosendo (org). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/ UFBA, 2002b, p.35 – 49.

SANT’ANNA, Mara Rúbia. “Velhos e velhas: objetos de um discurso assexuado”. In: FAZENDO GÊNERO, 1996, Ponta Grossa. *Anais do Seminário de Estudos sobre a Mulher*. Ponta Grossa: Centro de Publicações/ UEPG, 1996, p. 157 – 160.

SOUZA, Robélia Fernandes de. *Conversa afiada*. Rio Branco: BOBGRAF/ Editora Preview, 1996.